

Os Dois Lados – Macro-narrativas possíveis do tráfico de brasileiras para a prostituição em Portugal e a sua representação na mídia tabloidizante

Willy Silva Filho*

Índice

1 O tráfico e a exploração sexual em Portugal	1
2 Apresentação do conteúdo audiovisual	2
3 A tabloidização como recurso midiático	3
4 Análise narrativa do vídeo	9
5 Considerações Finais	13

Resumo

Com base em matérias da TVI sobre o tráfico e a exploração de mulheres brasileiras para a prostituição em Portugal, propomos uma reedição audiovisual de duas macro-narrativas, na tentativa de entender os contextos dominantes por detrás desta prática e de refletir sobre a representação do “outro” na imprensa televisiva portuguesa. Iniciamos por desenvolver os contextos do tráfico e da imigração de brasileiras para Portugal,

*Mestrando do Instituto de Estudos Jornalísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, orientado pela professora doutora Isabel Ferin Cunha. Investigador bolsheiro da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal), integrado junto ao Cimj – Centro de Investigação Media e Jornalismo, de Lisboa.

e depois passamos pela apresentação da metodologia utilizada e pela delimitação de nosso *corpus* de trabalho. Em seguida, introduzimos a questão da tabloidização como hipótese de ser a principal baliza de mediação jornalística do “outro” dentro dessas reportagens. Por último, buscamos tentar descrever e interpretar as narrativas de “Viviane” e de “Ana”, ressaltando as suas diferentes trajetórias de vida, de imigração, e de representação midiática.

Palavras-chave: imigração; tráfico de brasileiras para Portugal; exploração sexual; a imagem do “outro” na mídia; a tabloidização da imprensa.

1 O tráfico e a exploração sexual em Portugal

Uma pesquisa desenvolvida pela Universidade Técnica de Lisboa e apoiada pelo Acime – Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, intitulada “O Tráfico de Migrantes em Portugal: perspectivas sociológicas, jurídicas e políticas”, fez durante o ano passado uma radiografia teórica do contrabando de estrangeiros para e em Portugal, através de redes que estão intimamente re-

lacionadas à imigração ilegal, ao tráfico de mão-de-obra e à exploração sexual¹.

Com relação ao Brasil, o trabalho identificou como principal fenômeno o contrabando significativo de mulheres destinadas à prostituição, cujo número já chega a ser superior em relação às mulheres oriundas do Leste Europeu (ucranianas, moldavas, russas e romenas, em sua maioria). De acordo com a pesquisa, esse fenômeno ainda é recente – já que remonta aos finais dos anos 90 – e ainda está em crescimento.

Segundo dados do Acime, é cada vez maior a participação geral de mulheres entre os imigrantes que vêm para Portugal: em 1995, elas correspondiam a 41,5% do total de imigrantes; já em 2000, a sua participação subiu para 44%. E sendo a demografia sensível à imigração e à presença de estrangeiros em solo português, o mesmo se dirá da mídia, que também tem as suas agendas e rotinas de produção alteradas por causa dos deslocamentos e fluxos humanos².

Outro estudo também financiado pelo Acime e desenvolvido no ano anterior pelo Instituto de Estudos Jornalísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, analisando nove meses de noticiários do *prime-time* da televisão aberta em Portugal (abril a dezembro de 2003), veio a confirmar essa imensa predileção pelo tema imigrantes e imigração. Esta investigação revelou duas tendências importantes para esta nossa análise introdutória: a significativa participação de brasileiros no *agenda setting* da mí-

dia portuguesa, envolvidos contudo em temas onde prevalecem tons negativos³.

Das 219 peças selecionadas para este estudo, 57 (26%) tratavam sobre brasileiros; 81 (36,2%) tinham um enquadramento narrativo do tipo policial; e 174 (79,4%) estavam limitadas a apenas seis tipos diferentes de temática: o crime, a exploração, a máfia, a prostituição, a violência e/ou o terrorismo. Temas que contribuem para construir a imagem do brasileiro, e mais especificamente a da mulher brasileira – como veremos a seguir – como o mais perfeito estereótipo do “outro”.

2 Apresentação do conteúdo audiovisual

O suporte audiovisual que acompanha este trabalho conta-nos duas histórias diferentes que, entretanto, estão inseridas dentro de uma mesma problemática: a da imigração ilegal para a prostituição em Portugal, assunto que tem a sua justificativa validada pela sua significativa recorrência no país nesta última década (ver contexto I). Trata-se, portanto, de duas narrativas protagonizadas por mulheres em peças jornalísticas que foram dramatizadas segundo critérios gerais e específicos.

Por critérios gerais tomamos as variáveis absolutas de tempo e de espaço que são inerentes aos acontecimentos. Por mais que certos assuntos polêmicos como a prostituição tenham uma indiscutível sazonalidade dentro do *agenda setting* da mídia portuguesa, ainda assim a maioria deles depende

¹ *Seminário OI (Acime/FCT)*, realizado em 22 de Março de 2005, em Lisboa.

² ROSA, Maria João Valente *et al.* (2004), *Contributos dos Imigrantes na Demografia Portuguesa*, Lisboa, OI/Acime, p. 51.

³ CUNHA, Isabel Ferin *et al.* (2004), *Media, Imigração e Minorais Étnicas*, Lisboa, OI/Acime, pp. 71-102.

de um estopim gerador, que pode ser tanto um acontecimento monumental quanto um corriqueiro *fait-divers* que escapa dos bastidores da Polícia Judiciária (equivalente à Polícia Civil no Brasil) – como é o caso de uma das peças acima.

Por critérios específicos entenda-se, sobretudo, as particularidades de cada medium noticioso, que têm critérios de noticiabilidade, de apuramento e de tratamento da notícia muito próprios e distintivos.

Neste trabalho, entretanto, como não nos interessa fazer cruzamentos comparativos entre os veículos, e sim uma análise qualitativa em nível das notícias (narrativas), optamos por utilizar peças de um único veículo: a TVI⁴. As peças foram transmitidas originalmente durante o *prime-time* da emissora, no Jornal Nacional das 20h. A primeira, “Tráfico de mulheres”, foi ao ar no dia 6 de maio de 2003, e a segunda, “Nas malhas da prostituição”, no dia 4 de fevereiro de 2004, sendo que a sua ordem de emissão original foi respeitada nesta reedição audiovisual.

A TVI foi escolhida para integrar esta pesquisa por ser uma emissora que costuma explorar bastante este tipo de tema. Digamos que, dentre as quatro emissoras abertas em Portugal (RTP 1, RTP 2, SIC e TVI), ela é a que mais dá notoriedade à polêmica, ao escândalo e ao sensacional, elementos que

⁴ A TVI começou a emitir em Portugal em 20 de fevereiro de 1993. Ela ganhou particular notoriedade em setembro de 2000, quando passou a emitir o “Big Brother”, conseguindo com este ultrapassar o *share* da própria RTP1 e ameaçar a hegemonia da SIC (a sua concorrente privada). É uma rede bastante reconhecida hoje pela sua predileção especial por conteúdos “leves” e de entretenimento. Cfr. CÁDIMA, Francisco Rui, “Televisão, serviço público e qualidade”, IN: Revista do Observatório da Comunicação, N.º 6, novembro de 2002, Lisboa, Obercom.

compõem um estilo jornalístico que, cada vez mais, está se tornando a regra entre os meios de comunicação de massa: a tabloidização. Sobre ela falaremos mais pormenorizadamente à frente, na parte seguinte deste trabalho.

Assim como a emissora, as peças também não foram escolhidas ao acaso. A principal justificativa de sua eleição está justamente na sua diversidade narrativa e no seu olhar diferenciado e valorativo para um mesmo problema, que é a prostituição. Na tentativa de compreendê-las melhor, somamos à sua construção original – nomeadamente jornalística – o nosso olhar subjetivo enquanto espectador, que é materializado através de uma reedição audiovisual. A nossa proposta em formato digital obedeceu a dois parâmetros principais: primeiro, o de manter intacta a mensagem original das peças jornalísticas; e segundo, o de manifestar os nossos pressupostos autorais quando da reedição do material audiovisual.

3 A tabloidização como recurso midiático

Oferecemos neste trabalho a oportunidade de abordar o contexto da tabloidização, que julgamos ser a principal baliza de mediação jornalística do conteúdo audiovisual que abaixo tentará ser descrito e interpretado. De modo geral, podemos avançar sobre o objeto em análise de duas formas diferentes: a primeira, considerando o tablóide como um estilo; e a segunda, considerando-o como um fenômeno. As duas correntes, apesar de distintas, convergem para uma mesma discussão: sobre o avanço, ou não, da tabloidização.

ção na imprensa mundial, incluindo aí a portuguesa.

Resguardadas as devidas diferenças etimológicas que possam existir entre as palavras, iremos nos concentrar essencialmente no campo de sua semântica experimental, que considera o estilo, em primeiro lugar, como um quadro de trabalho onde elementos como o sensacionalismo, o escândalo e a intriga convivem muito bem entre si e equilibram o formalismo da notícia tradicional. De fato, nesta perspectiva, estes elementos não só deixam de ser evitados como são ainda estimulados e enriquecidos no trabalho diário do jornalista. Nesta leitura específica sobre o tablóide temos um direcionamento bastante positivo, que se encontra evidenciado na linha editorial de diversos veículos de comunicação social em Portugal, desde jornais como “O Crime” e o “24 Horas” e chegando até às redes de televisão, como a própria TVI.

Na abordagem do tablóide enquanto fenômeno, ao contrário, podemos observar que delinea-se a partir da palavra uma certa conotação negativa acerca do objeto – ou, na melhor das hipóteses, neutra. Nesta perspectiva, aquelas características peculiares do tablóide (a que somamos a ênfase no erotismo, nos crimes, nos dramas pessoais, na vida privada de políticos e celebridades) são consideradas, via de regra, elementos estranhos à construção da notícia, que segundo os manuais de jornalismo, deve ter como horizonte o distanciamento, a objetividade e o interesse público. Dentro das redações, o tablóide, à luz desta abordagem, costuma ser considerado como invasor, como um elemento que contamina conteúdos sérios com *soft news*. E esta suposta “invasão” ainda causaria nos comunicadores um certo “pânico moral”, ou

seja, o medo de ser levado pela onda do entretenimento – normalmente considerado como subproduto dos meios de comunicação de massa, como a informação de mais baixa patente. Um dilema deontológico polarizado na experiência do dia-a-dia.

É certo, contudo, que esta divisão do tablóide com base em abordagens estilísticas e fenomenológicas – pautadas basicamente a partir de critérios de noticiabilidade – não obedece à uma lógica tão cartesiana assim. Na compreensão global do objeto é necessária uma visão micro, mas também macrocós mica. Este assunto, via de regra, só pode ser abraçado com um mínimo de contenção, seriedade e realismo, quando da adoção também de uma apurada visão periférica sobre os seus desdobramentos particulares: uma perspectiva de simultaneidade sobre o que acontece na imprensa livre de praticamente todo o mundo capitalista, desenvolvido ou em vias de desenvolvimento.

Colin Sparks (2000), um dos primeiros autores europeus a avançar sobre o tema da tabloidização de forma pluralista e heterogênea, trata o objeto em análise como uma miscelânea entre estilo e fenômeno – algo que promove um impacto não apenas no nosso olhar sobre o jornalismo (recepção), mas também sobre o entendimento do próprio jornalismo (produção), apesar de não ter ainda fronteiras claramente definidas.

Segundo o autor, um dos principais problemas dos tablóides vem justamente desta sua dimensão que não pode ser balizada na totalidade – daí o juízo do senso comum que o faz valer como marginal, principalmente aos olhos do *mainstream*. O estilo carrega, portanto, um certo estatuto de “pária” aos olhos da imprensa formal (que, à partida, já não pode ser tratada como “grande

imprensa”). Este rótulo, entretanto, vai até a exata medida do seu conteúdo. Os seus critérios de noticiabilidade podem ser facilmente identificados, porém, a sua essência paira num universo que mistura entretenimento com teoria da conspiração.

Barbie Zelizer aponta como características imediatas dos tablóides: “ φ Linguagem popular e corrente; κ Ênfase no sensacional e no afetivo; λ Uso do recurso dos “vivos”; μ Mensagem de imperativo moral”. Para a autora, mais do que uma simples “noção”, os tablóides deveriam ser entendidos como um conjunto destas práticas inferidas contra o seu contexto imediato. Mais do que um estilo, eles seriam um “desejo” de se preencher uma lacuna nas audiências por assuntos que a mídia formal considera menores ou simplesmente rebaixa a sensacionalismo barato⁵.

A autora introduz algumas especificidades dos tablóides que escapam ao seu conteúdo, tornando o seu universo ainda mais nebuloso e quimérico. Nos Estados Unidos, jornais como o USA Today têm singularidades que diferem das demais mídias impressas, tanto em nível de conteúdos – que são indiscutivelmente mais “diversificados” – quanto em relação à sua periodicidade e até ao seu lugar físico de vendas (como em quiosques, em supermercados, e em estações de metrô).

Porém, estas diferenças que possam existir entre os tablóides americanos e os seus concorrentes da imprensa formal já não podem ser transpostas para outra realidade. Na Inglaterra, por exemplo, jornais como o Sun e o Daily Mirror também têm especificida-

des construídas a partir de fenômenos locais que nunca podem ser generalizadas (diferentes nuances de mercado, de audiências, de critérios de noticiabilidade, etc.). Tal fato contribui para tornar ainda mais imprevisível e caótica qualquer tentativa de análise absoluta sobre os tablóides.

As fronteiras entre teoria e especulação, previsão e futurologia, são realmente muito tênues nesta matéria. Porém, se a prudência garante não ser possível circunscrever totalmente o objeto, ela também não nos impede, entretanto, de afirmar a existência de um certo processo em curso que traz indiscutíveis mudanças editoriais dentro dos veículos de comunicação dos países capitalistas de todo o mundo: o avanço do “*infotainment*” sobre a informação, ou seja, a participação cada vez mais acentuada do soft news sobre o hard news.

Sparks constata o aumento no mercado editorial (nomeadamente anglo-saxônico) de títulos alternativos aos jornais considerados “sérios”, apontando inclusive uma mudança de orientação de vários veículos formais em direção à linha tablóide. Entretanto, não existe tendência nem velocidade única para este processo, diz o autor, referindo-se a um estudo sobre a televisão britânica realizado entre 1993 e 1998:

(...) In the British case, there is no overall cultural pressure toward the tabloid. The newspaper press and broadcasting are moving in different directions, at different speeds. Broadcasting, it seems, is at least holding its news values relatively constant and may even be becoming more serious. In the press, competition is slowly driving the serious press toward the tabloid, and the tabloid press itself is

⁵ IN: TULLOCH, John e SPARKS, Colin, eds. (2000), *Tabloid Tales – Global debates over media standards*, Nova Iorque, Rowman & Littlefield Publishers: pp. IX-X.

becoming more tabloid. There is no single tendency⁶.

O autor considera difícil, senão impossível, fazer generalizações concretas sobre a tabloidização que possam ser tomadas como normas universais. Importa para ele, ao contrário, discutir as razões deste processo, e não a sua validade. Através de um esquema de dois eixos, Sparks explica e cria categorias para o processo de tabloidização de um determinado medium. Os eixos indicariam quatro variáveis que, segundo ele, organizam os critérios de noticiabilidade dentro da mídia: concentração em política, economia e sociedade vs. concentração em escândalo, esportes e entretenimento; concentração na vida pública vs. concentração na vida privada.

Neste esquema, um jornal “sério” seria aquele que tivesse alto desempenho nas questões da vida pública e que desenvolvesse mais temas ligados à política, economia e sociedade (ocupando o quadrante superior esquerdo). Enquanto que um jornal dito “tablóide” seria aquele que obtivesse um alto desempenho na vida privada e que desse mais ênfase a assuntos relacionados a escândalos, esportes e entretenimento (ocupando o quadrante inferior direito).

A partir da sua posição no esquema e da atenção dada a certos aspectos, o autor propõe a divisão dos veículos em cinco tipos principais:

1º. A imprensa “séria”: cada vez mais rara. P. ex.: o Wall Street Journal e o Financial Times.

2º. A imprensa “semi-séria”: jornais com características “sérias”, porém, com no-

tável crescimento de assuntos leves. P. ex.: o Times e o Guardian, da Inglaterra, e o El País, da Espanha.

3º. A imprensa “séria-popular”: jornais ainda com um certo alinhamento em questões “sérias”, porém, já com a presença marcante de características do tablóide. P. ex.: na Inglaterra, o Daily Mail e o Daily Express; nos E.U.A., o USA Today.

4º. A imprensa do “tablóide propriamente dito”: com uma news agenda pontuada, basicamente, a partir de critérios pouco “sérios”. P. ex.: os ingleses Sun e o Daily Mirror.

5º. A imprensa do “tablóide de supermercado”: o “tablóide” de excelência, onde nos E.U.A. encontra mais representantes em formato revista⁷.

Diz Sparks que este modelo é espelhado na mídia impressa (nomeadamente jornais), mas que bem poderia ser aplicado a outros veículos de comunicação: “(...) *The kinds of reports that dominate a radio or television news bulletin can clearly be analyzed under the same headings*”. O autor fala ainda, a partir deste seu esquema, que os recursos tecnológicos de produção da notícia podem ser desprezados, uma vez que as dimensões do que vem a ser entendido como “leve/sério” e “público/privado” são independentes. Mas que, contudo, este esquema apresentaria limitações em relação à dimensão visual dos veículos analisados, um setor que é cada vez mais importante no estudo da estilística⁸.

⁷ John Tulloch e Colin Spaks, *ibid.*, pp. 14-15.

⁸ *Id.*, *ibid.*, pp. 12-13.

⁶ John Tulloch e Colin Spaks, *ibid.*, pp. 22-23.

3.1 A questão da imagem

Em sendo a imagem hoje a principal componente de um fenômeno que sobreviveu à modernidade para tornar-se emblemático na pós-modernidade, para a validação de uma discussão que se pauta sobretudo no estudo de duas narrativas telejornalísticas da TVI, é oportuno observar o ponto de vista de um pensador pós-colonial, Arjun Appadurai (2004), que fundamenta a sua visão de mundo no “outro” a partir de conceitos operatórios que chama de “paisagens”.

Appadurai – indiano radicado nos Estados Unidos – indica no seu trabalho a forma como as imagens viajam através de um mundo globalizado construindo identidades internacionais. O autor trata de uma “globalização” constituída, sobretudo, a partir da troca dinâmica de bens simbólicos e culturais dentro de movimentos de interação e de disjunção, que ajudariam a fabricar modelos fluidos de imaginário social, a que chama de “paisagens”. Estas seriam extensões das “comunidades imaginadas” de Benedict Anderson⁹, e poderiam ser dimensionadas em cinco fluxos: as “etnopaisagens”, as “mediapaisagens”, as “tecnopaisagens”, as “financiopaisagens” e, finalmente, as “ideopaisagens”. Para fins de sustentação teórica, tomemos neste trabalho as particularidades dos dois primeiros fluxos apenas¹⁰.

⁹ As “comunidades imaginadas” de Benedict Anderson originam do conceito do “capitalismo impresso”, que seria o conjunto de tecnologias que permitem os fluxos de informação. Estes fluxos, através das leituras, é que começariam a constituir as “comunidades imaginadas”. Q. v. ANDERSON, Benedict (2005), *Comunidades Imaginadas – Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Trad. Catarina Mira. Lisboa, Edições 70.

¹⁰ APPADURAI, Arjun (2004), *Dimensões Cultu-*

Por “etnopaisagens” entenda-se os indivíduos em migração/imigração que carregam consigo culturas e formas de expressão que alteram as sociedades receptoras. A bem da verdade, esses deslocamentos humanos, apesar de serem contemporâneos dos grandes descobrimentos que remontam aos séculos XVI e XVII, tiveram a sua dinâmica e relevância acrescida a partir dos anos 40 do século XX, com os E.U.A. funcionando como nicho de importação e a Europa, simultaneamente, como celeiro de exportação de mão-de-obra humana. A partir dos anos 90, contudo, estes fluxos são bem mais fluidos e já não obedecem à uma só lógica.

Léon e Rebecca Grinberg abordam uma problemática semelhante num livro orientado à psicologia dos imigrantes e das imigrações: “(...) A comunidade autóctone também [poderá] sofrer o impacto da chegada do “novo”, que com a sua presença modifica a estrutura de um grupo, questiona algumas das suas regras de conduta moral, religiosa, política ou científica (...)”¹¹.

Com relação às “mediapaisagens”, ela traduz-se, por um lado, na capacidade tecnológica de um determinado médium em “produzir e disseminar informação”, e por outro, no trabalho sistemático desempenhado na construção, através de seus fluxos e conteúdos, de um produto mediático (imagem) que funcione globalmente mas que actue localmente. Como exemplo imediato disso temos os formatos universais de programas adaptados a diversas realidades, como os *re-*

rais da Globalização. Trad. Telma Costa. Lisboa, Editorial Teorema: pp. 50-51.

¹¹ GRINBERG, León e Rebeca (1996), *Migração e Exílio – Estudo psicanalítico*. Trad. Maria Bragança. Lisboa, CLIMEPSI Editores: p. 87.

ality shows (o “Big Brother” e a “Quinta das Celebidades” em Portugal, por exemplo).

Dentre os fluxos acima citados, encontramos nas “etnopaisagens” e nas “mediapaisagens”, sobretudo, elementos essenciais que nos ajudam a sedimentar a questão do fenómeno da tabloidização, além de nos proporcionar pistas de investigação sobre a predileção da mídia por temas que envolvam o “outro”:

[Elas] tendem a ser explicações centradas na imagem, com base narrativa, de pedaços da realidade, e o que oferecem aos que as vivem e as transformam é uma série de elementos (...) a partir dos quais podem formar vidas imaginadas, as deles próprios e as daqueles que vivem noutros lugares. Estes enredos (...) ajudam a constituir narrativas do Outro e proto-narrativas de vidas possíveis (...) ¹².

Em relação às peças da TVI abordadas neste trabalho, interpretamos como sendo as brasileiras imigrantes a personificação do “outro” no imaginário social das audiências, uma “fachada” simbólica altamente rica de elementos tabloidizantes – erotismo, dramas de vida privada, contravenções legais, dilemas morais, etc. – que podem ser sacados tanto do discurso narrativo das personagens quanto de seu comportamento diante das câmaras.

Por “fachada” – utilizando uma categoria importantíssima de Erving Goffman (1993) – entenda-se todo o arsenal expressivo de um indivíduo, sobretudo aquele “emitido”, expressado intencional e inconscientemente (não verbalizado). A “fachada” pode ser ainda subdividida em outras duas categorias,

¹² Arjun Appadurai, op. cit., p. 54.

a “aparência” e o “modo”, que contribuem para reforçar as características que podem ser inferidas do discurso “emitido” pelo ator ou personagem. A “aparência” refere-se, em princípio, ao estatuto social do actor – no caso das brasileiras, ela ajuda a construir os estereótipos implícitos às personagens (imigrante, mulher, “alternadeira” (prostituta), etc.). Já o “modo” comunica-nos como este papel está sendo desempenhado pelo actor e se há coerência interna entre todas as categorias ¹³.

Indo um pouco mais a fundo na teoria de Goffman – diga-se de passagem, um dos grandes nomes do interacionismo simbólico da Universidade de Chicago – vemos que toda a “fachada” precisa ser desenvolvida num determinado “quadro”, que é o cenário onde o indivíduo interpreta o seu papel. Da mesma forma, analisando o caso específico das peças televisivas, vemos que os espaços de acção das personagens também estão de acordo com o contexto da trama. A narrativa principal, apesar de se desenvolver em lugares neutros, herméticos, e não identificados, é sustentada por cenas que transportam o nosso imaginário à casas de “alterne” (casas de encontros), à vida noturna, à promiscuidade, ao tráfico humano e ao comércio do sexo. São cenas que acompanham as personagens do começo ao fim, como uma etiqueta.

Ao fim destes antecedentes sobre a tabloidização, introduzidos pelas balizas metodológicas do nosso pequeno projecto, iniciemos, então, a tarefa de lapidar o nosso conteúdo audiovisual, a fim de tentar encontrar

¹³ GOFFMAN, Erving (1993), *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*. Lisboa, Relógio D’Água: pp. 35-43.

os seus diferentes elementos narrativos, as suas sutilezas jornalísticas, e as novas subjetividades criadas pelo trabalho autoral.

4 Análise narrativa do vídeo

4.1 O caso “Viviane”

O vídeo, que chamamos *Os Dois Lados*, tem início com a figura do apresentador. Em estúdio, ele tem como pano de fundo uma “bolacha” (um símbolo icônico) onde se lê a palavra “alterne”, que serve de legenda à imagem de uma mulher desfocada e semi-nua. O apresentador chama uma peça que tenta lançar pistas sobre o “circuito quase comercial” do tráfico de mulheres brasileiras para a prostituição em Portugal, concluindo que normalmente “elas sabem ao que vêm, mas que o dinheiro fala mais alto”. O fio condutor da notícia é o depoimento de uma brasileira, “Viviane”, nome fantasia, identificada no início da peça como “alternadeira” (prostituta). Pelo caráter negativo com que é tratada a sua profissão, desde já, se estabelece com o nome uma forte característica de rótulo. Esta componente estereotipada, entretanto, encontrará suporte não apenas na imagem, mas também no texto.

Em relação ao discurso narrativo da notícia, a cidade de Goiânia, no Centro-Oeste brasileiro, é referenciada como um dos principais pontos de partida de mulheres para abastecer o mercado do sexo pago em Portugal. Um celeiro humano. Quem conta a história é “Viviane”, dizendo que fora agenciada através de uma amiga que a convenceu a procurar uma certa pessoa em Copacabana. Do Rio de Janeiro, segundo a entrevistada, as brasileiras seguiriam para Paris, de onde, finalmente, seriam levadas para Por-

tugal via terrestre. Segundo “Viviane”, várias “meninas” eram trazidas de uma única vez. Em Portugal haveria uma triagem delas, sendo que as melhores seriam levadas para Chaves para trabalhar numa determinada casa noturna. Depois de trabalharem para pagar o bilhete da viagem, a comissão da casa, e ainda outras despesas que haviam sido pagas antecipadamente no Brasil, é que as “meninas” podiam pensar em juntar dinheiro para si. Isso dentro do prazo máximo de 90 dias, que é o limite de duração do visto de turista em Portugal. Porém, mesmo neste curto prazo de tempo, diz a reportagem que era possível ganhar com o ilícito até 400 euros por dia, “80 contos” (cerca de R\$ 1.400,00). A peça termina com um novo depoimento de “Viviane”, e bastante contraditório: ao mesmo tempo que ela garante ter vindo do Brasil de propósito para trabalhar no comércio do sexo, diz-se “revoltada” com o esquema do tráfico.

Prevalece nesta narrativa um tom neutro, apesar de que esta última frase da entrevistada, colocada propositadamente no final, condensa o viés dominante de considerá-la não apenas como vítima de um esquema criminoso de tráfico humano com o objectivo da exploração sexual, mas também como colaboradora voluntária deste processo. *Post hoc ergo propter hoc*.

O discurso visual da peça, como já introduzimos, nos é apresentado com uma etiqueta estereotipada e bastante valorativa, que, no entanto, não chegou a ser explorada no discurso textual. A acção que é conduzida pela imagem tem uma evolução bastante linear: os cenários começam no Brasil e desenvolvem-se em Portugal. Os principais cenários são reconhecidamente conteúdos de arquivo, que dão suporte ao texto

do narrador-repórter: uma panorâmica da Avenida Goiás (a principal avenida de Goiânia) e da Praça Cívica (sede do poder administrativo da cidade); cenas do Aeroporto Santa Genoveva, de onde partiriam as goianas para Portugal; planos fechados de uma casa noturna, da sua estante de bebidas e do movimento financeiro do caixa; planos fechados de um passaporte sendo manuseado; planos abertos de ruas no período da noite, mostrando o movimento dos carros e dos peões. Excetuando estas imagens frias – e que, diga-se de passagem, não são referenciadas como sendo de arquivo – o discurso do narrador-personagem é coberto com planos americanos e desfocados, na intenção de preservar a sua identidade. O local da personagem é único: por detrás de um pequeno arbusto.

Em se comparando estas cenas do audiovisual com as imagens que temos em memória das recentes batidas policiais em busca de brasileiras trabalhando em bares e casas de encontro em Portugal, ficamos com uma ligeira impressão de que temos em mãos um material onde prevalecem cenas formais e razoavelmente bem pontuadas.

Em termos gerais, “Viviane”, ao descrever a sua experiência pessoal, e na maior parte das vezes através de um sujeito oculto, levamos a confundir a sua história com a de tantas outras que nos chegam pela mídia atualmente (e não só os audiovisuais). Esse efeito disruptivo de atemporalidade colocamos como espectadores privilegiados de uma situação que parece bem próxima, palpitante e actual. Por outro lado, esvaziada de significado. Apesar de se tratar de uma matéria coerente e contextualizada – do ponto de vista jornalístico – nota-se uma certa falta de individualização da personagem princi-

pal. Aventa-se aqui que este facto por ter causa tanto numa possível negligência por parte da repórter, quanto pela falta de elementos dramáticos dentro da narrativa de “Viviane”. Ou até mesmo por um misto de ambos.

O mais correto dizer aqui seja talvez do pequeno espaço para o desenvolvimento efetivo do *pathos*, que não foi explorado em termos de tensão, sofrimento, solidão, abandono, dor, que são imagens normalmente evocadas pelo tema em causa, sentimentos e reações afetivas que julgamos intrínsecos da prostituição, do tráfico humano e da exploração sexual. Por outro lado, a falta também de um clímax, bem como de um desfecho surpreendente, contribuem para anular a peça em termos de dramaticidade. Um discurso ancorado no *telling* normalmente deixa pequena margem para o *showing* se pronunciar.

Em termos jornalísticos, ao interpretamos a matéria em questão, ficamos com a idéia de tratar-se de uma notícia tendencialmente informativa, porém muito comum, fria, e também bastante formal. Comum, pela evolução clássica da narrativa em formato lide, desenvolvida a partir da chamada do apresentador. Formal, pela ausência de elementos literários mais expressivos e conotativos, de maiores figuras de linguagem, impressões ideológicas, e também de elementos dramáticos – como já foi lembrado acima. E fria, ou atemporal, pela falta de factualidade da própria notícia, que acaba não podendo ser totalmente justificada – não estando pautada nem por um acontecimento “de momento”, nem tão pouco pela sua relevância informativa. A reportagem parece muito pouco ou quase nada nos acrescentar em termos de novidade sobre o assunto.

Diante do exposto acima, não tarda a questionarmos a verdadeira essência desta notícia, que interpretamos como sendo basicamente ancorada numa narrativa frágil e débil, proferida por uma personagem anônima, isolada e não-representativa. Logo, discute-se a verdadeira validade da mesma em termos jornalísticos. Uma validade ameaçada, sem dúvida, típica de notícias que não são apenas reportadas pela mídia, mas também criadas. Aqui, mais uma vez, a tentativa confunde-se com resultado.

4.2 O caso “Ana”

A segunda matéria do vídeo, ao contrário da anterior, nos apresenta uma visão totalmente reformulada sobre o tráfico de mulheres para a prostituição em Portugal. Uma leitura audiovisual bem mais realista, humana, carregada de subjetividade, de dramaticidade, e ainda com alto valor de juízo moralizante.

Assim como a anterior, a segunda peça tem início com a chamada em estúdio do apresentador, que, entretanto, adota uma estratégia diferenciada: ao contrário de apenas introduzir a problemática, começa por individualizar um caso específico: o de “Ana” (também nome fantasia) – uma brasileira de 19 anos que, em seu país de origem, havia sido agenciada para trabalhar ilegalmente em Portugal. Mas que, aqui chegando, viveu uma história radicalmente diferente, e ainda mais surpreendente, que a da sua conterrânea da peça anterior. Ao contrário da funcionária voluntária do mercado do sexo, “Ana” nos é prontamente identificada como uma jovem “vítima” de uma rede nefasta de traficantes humanos que utilizam expedientes hediondos como violência, coação e fraude.

Em síntese, a narrativa de “Ana”

desenvolve-se da seguinte maneira: oriunda do interior do país, e na tentativa de melhorar o seu nível de vida, a jovem acaba sendo impelida a procurar alternativa melhor em Portugal, país para onde acaba sendo agenciada com a promessa de trabalho honesto na área de alimentação, com perspectivas de ganho em torno de 800 euros (cerca de R\$ 2.800,00). Ela também não desembarcou em território português, e sim em Madrid, onde foi buscada no aeroporto e conduzida via terrestre para Portugal. Porém, chegando aqui, eis que tudo não passava de perfídia: o sonhado restaurante não passava, na verdade, de uma casa de encontros em Carraceda de Ansiães (pequeno vilarejo no Norte de Portugal). Segundo a reportagem, foi neste momento que o “seu mundo desabou”. Na casa de prostituição, o seu sonho de uma vida melhor era pago com luxúria em lençóis de cetim. No estabelecimento, segundo ela, fora obrigada a seduzir clientes e a se prostituir: ela havia de ficar no salão, “tomar copos com os clientes”, e depois subir para os quartos. Boa parte dos seus ganhos na noite servia para pagar as dívidas contraídas com a viagem, nomeadamente € 3.250,00 (aproximadamente R\$ 11 mil), valor que incluía os gastos com a passagem aérea. Além disso, “Ana” era supostamente ameaçada pela dona da casa de que só poderia deixar essa vida, e voltar ao Brasil, depois de ter pago tudo o que devia, e com juros – caracterizando que, ao invés de hóspede da casa, a jovem estava uma verdadeira prisioneira. De acordo com o narrador-repórter, o esquema de contenção de “Ana” incluía “vigilância 24 horas”, maus-tratos, e documentação apreendida a fim de se evitar fugas precoces. Depois de viver períodos em que “lágrimas corriam

todos os dias”, “Ana” foi enfim liberta, depois de uma investigação conduzida pela Polícia Judiciária, que durou seis meses e teve como saldo positivo a prisão de sete indivíduos implicados com a rede de tráfico. Assim como na matéria anterior, este *plot* acontece também de forma linear e gradual, na estrutura de capítulos, sendo, contudo, a fala da personagem ilustrada por legendas.

A narrativa visual da peça centra-se na personagem principal, que utiliza de sua prerrogativa enquanto vítima para fazer ao repórter uma série de denúncias alusivas ao tráfico de mulheres para a prostituição em Portugal. A personagem é normalmente enquadrada em plano americano, tendo o seu rosto desfocado para resguardar a sua identidade. O espaço desta entrevista dá-se numa sala um tanto quanto rústica, que tem piso de tacos, uma mesa de centro e um arquivador em metal ao fundo. A acção começa com a personagem subindo uma escada de madeira e entrando nesta sala, e se desenvolve com ela já sentada ao lado de um vaso decorativo. O espaço acima corresponde à idéia que normalmente temos dos distritos da PJ – muito provavelmente o de Carrazeda de Ansiães, ou da cidade mais próxima que responde pelo caso. Ao contrário da peça anterior, que era bastante rica visualmente (mesmo que quase exclusivamente de imagens de arquivo), nesta última temos duas cenas que se sobrepõem: as internas, que ilustram o depoimento de “Ana”; e as externas, que mostram a fachada de uma PJ, e cenas de uma mulher dançando onde parece ser uma boate. Nenhum dos locais é referenciado textualmente.

Em termos jornalísticos, assim como no caso de “Viviane”, o desenvolvimento do discurso desta nova matéria se dá também de

forma atemporal, que como vimos é uma das estratégias utilizadas pela mídia para estabelecer uma proximidade afetiva para com o leitor. Falando ainda um pouco sobre a estilística desta notícia, temos em “Ana” um discurso também basicamente informativo, porém, já com certas “contaminações” literárias – onde se destacam nuances ideológicas e fortes marcas de subjetividade, imprimidas tanto por parte do narrador-repórter quanto pelo narrador-personagem.

A bem da verdade, a estrutura do drama literário é totalmente revivida nesta peça, a começar pela individualização da personagem principal, que tem a sua identidade construída com a etiqueta de “vítima”. Esta identidade é terreno bastante fértil para a criação do *pathos* – do lado emocional, da fachada apelativa, afetiva e humana interpretada pela personagem. Aqui, o papel de “Ana” enquanto “vítima” é absoluto e eficazmente desempenhado. Ao contrário de “Viviane”, a jovem de 19 anos apresenta-nos uma fachada coerente à moldura da narrativa, concluindo a sua participação com um discurso ideológico onde não apenas manifesta o seu repúdio pelo acontecido, como ainda faz um alerta para que outras brasileiras não cometam o mesmo erro que ela. O seu discurso, materializado através de uma voz infantil e singela, contribui tanto para fixar a sua imagem de “frágil menina”, como para acentuar a violência no contexto geral de sua experiência vivida.

O sujeito da história também se apóia no *telling*, mas nem por isso cai em contradição, como se deu no encerramento da matéria de “Viviane”. O uso do discurso direto e pessoal, à partida, já é por si só um forte instrumento de construção de subjetividades, que

ainda podem ser potencializadas e validadas a partir de recursos dramatúrgicos.

Com base no que foi colocado acima, não nos custa inferir da segunda peça um melhor desempenho em nível noticioso que o demonstrado pela anterior. Além de trabalhar melhor com os elementos emocionais e apelativos, o caso “Ana” tem suficiente relevância informativa que justifique a sua exibição. Ao contrário da primeira personagem, que caíra praticamente de “pára-quadras” no colo do repórter, “Ana” fora resgatada das mãos de traficantes pela PJ, fato de indiscutível valor jornalístico e interesse público.

Em ambos os casos, a nossa edição – que se deu a partir de duas peças originais transmitidas pela TVI (que, aliás, também acompanham esta análise em suporte digital) – procurou apenas aparar arestas, tendo o cuidado redobrado tanto para não estimular o conflito entre elas, como para não uniformizar o conteúdo de suas mensagens. Mesmo tendo a isenção como norma e a objetividade como horizonte, não podemos deixar de admitir que a nossa subjetividade autoral esteja ali, de qualquer forma, impressa.

5 Considerações Finais

Tentamos perceber neste trabalho, através da reconstrução de duas peças televisivas, a construção de uma grande narrativa autoral que tenta personalizar, através de diferentes trajetórias de vida e de imigração, o fenómeno da prostituição em Portugal. Demos ênfase à questão do tráfico humano de brasileiras, ao drama de vida de mulheres comuns que são agenciadas ainda no Brasil e que, chegando naquele país europeu, podem ter planos até distintos, mas acabam tendo

que enfrentar um único grande destino: o de abastecer o mercado do sexo.

Pelo que pudemos apresentar em conteúdo audiovisual, observamos que “Ana” e “Viviane”, apesar de estarem supostamente vivendo situações que julgamos ser muito semelhantes entre si, constroem narrativas totalmente disjuntivas de sua experiência pessoal. Cada qual encara a situação da exploração sexual de uma maneira muito particular: ativamente, como colaboradora voluntária do mercado do sexo – o caso de “Viviane”; ou passivamente, como vítima de uma nefasta rede de prostituição – o caso de “Ana”. Duas narrativas polarizadas, fundamentalmente, pela questão do pragmatismo e do sonho.

As macro-narrativas de “Viviane” e de “Ana” são apenas dois exemplos clássicos de histórias e dramas de vida que pululam hoje na mídia. Não só em Portugal, mas em praticamente todo o mundo, os veículos de comunicação de massas, por causa da concorrência elevada e diante do interesse de sobreviver num mercado cada vez mais competitivo, estão fazendo alterações significativas nos seus critérios de noticiabilidade em busca de novas audiências e de novos nichos de consumo. A esta realidade, que rapidamente transformou-se num “fenômeno” à luz das ciências sociais, dá-se muitos nomes, mas nenhum provavelmente melhor que tabloidização.

Em suma, como vimos acima, a tabloidização consegue ser muitas coisas e nada ao mesmo tempo. Não há ainda nenhuma interpretação assertiva e linear sobre ela, e muito possivelmente nunca existirá. O fenómeno, ou estilo, ou ambas as coisas, é habitante de um universo quimérico, complexo, alcançável apenas a partir de uma dimensão que te-

nha em causa inúmeros cruzamentos de matrizes culturais dominantes. No breve esboço que tentamos delinear sobre o tema, tentamos colocar provavelmente o melhor conteúdo teórico sedimentado sobre o tema até agora. Com isto, longe de obter respostas prontas, contribuímos para alargar ainda mais o horizonte hipotético-investigativo que se estende para além deste tema, ressaltando dois pontos principais: a importância da imagem para a construção do “outro”, e a contrapartida deste para a própria validação da tabloidização enquanto tendência.

A bem da verdade, numa interpretação ainda mais alargada – mas sem contudo sair do foro da antropologia – podemos avaliar que o “outro” tende a ser sempre uma minoria¹⁴, que, contraditoriamente, detém a “maioria” dos elementos necessários para cativar audiências à perfeição. Como vimos, tais elementos ditos “tabloidizantes” tendem a substituir – em determinados veículos de comunicação social – a informação pelo entretenimento, a notícia pelo afeto, e a razão pela emoção.

Ocorre que tais nuances e critérios de noticiabilidade só podem ser avaliados qualitativamente em quadros de trabalho muito específicos e a partir de julgamentos muito particulares. A tabloidização pode ou não constituir-se numa grave ameaça ao jornalismo, de modo singular, ou à sociedade, de modo plural, a partir de avaliações complexas, multi-dimensionais, e bastante subjetivas, que, contudo, não podem ser toma-

das como o principal eixo investigativo. Seguindo o mesmo raciocínio de Sparks, em relação à tabloidização, o caminho mais seguro não será o “como”, mas muito provavelmente o “por que”¹⁵.

¹⁴ Em última análise podemos considerar as mulheres imigrantes brasileiras como legítimas representantes de uma “minorias das minorias”. Cfr. CASTLES, Stephen e DAVIDSON, Alastair (2000), *Citizenship and Migration: Globalization and the politics of belonging*. Nova Iorque, Routledge.

¹⁵ John Tulloch e Colin Sparks, op. cit., pp. 20-21.